

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

COMPORTAMENTO DO RÓTICO NA FALA DOS INDIVÍDUOS FLUMINENSES:
CONFRONTO ENTRE CAPITAL E INTERIOR

Ingrid da Costa Oliveira

Rio de Janeiro

2016

INGRID DA COSTA OLIVEIRA

COMPORTAMENTO DO RÓTICO NA FALA DOS INDIVÍDUOS FLUMINENSES:
CONFRONTO ENTRE CAPITAL E INTERIOR

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação Português-
Espanhol.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carolina Ribeiro Serra

RIO DE JANEIRO
2016

CIP - Catalogação na Publicação

d48c da Costa Oliveira, Ingrid
COMPORTAMENTO DO RÓTICO NA FALA DOS INDIVÍDUOS
FLUMINENSES: CONFRONTO ENTRE CAPITAL E INTERIOR /
Ingrid da Costa Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2016.
23 f.

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Espanhol, 2016.

1. Apagamento do Rótico. 2. coda final. 3. coda
medial. 4. Rio de Janeiro. 5. Variação. I. Ribeiro
Serra, Carolina, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
1.1 Tema.....	5
1.2 Coda final x coda medial.....	6
1.3 Estudos e resultados anteriores sobre o apagamento do rótico	7
1.4 Objetivos	8
2. CORPUS E APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO	8
2.1 Sociolinguística Quantitativa Laboviana	8
2.2 <i>Corpus</i> e Metodologia.....	10
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
3.1 O R em coda silábica final no município de Petrópolis	14
3.2 O R em coda final no Rio de Janeiro capital.....	17
3.3 O R em coda final no município de Nova Friburgo	19
3.4 O R em coda silábica final no município de Niterói	21
3.5 O R em coda silábica final no município de Campos	22
3.6 O R em coda medial	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1. INTRODUÇÃO

1.1 Tema

A variabilidade de realização do rótico, objeto de estudo de diferentes pesquisas sobre o português brasileiro, é saliente -- seja em posição de ataque, seja em posição de coda silábica -- e se torna ainda mais flagrante quando se confrontam áreas dialetais distintas (Callou, Leite & Moraes, 1996; Hora & Monaretto, 2003; Serra & Callou, 2013, entre outros). Este trabalho propõe uma observação da variabilidade de produção do *R* no português brasileiro, em posição de coda silábica final e medial, confrontando o comportamento linguístico em cinco diferentes municípios do Estado do Rio de Janeiro. O *corpus* utilizado é composto por trechos de fala espontânea (discursos semidirigidos), de indivíduos com baixo grau de escolaridade, de ambos os gêneros e de duas faixas etárias distintas -- de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos (CARDOSO *ET ALII*, 2014. Projeto ALiB-RJ). O estudo ampara-se no arcabouço teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994), e tem como principal objetivo apresentar um panorama atual do que ocorre em diferentes áreas do Estado do Rio de Janeiro.

O interesse pelo comportamento do rótico pode ser atribuído a seu elevado grau de polimorfismo (CALLOU, 1987). Na língua portuguesa, o *R* aparece em diversos contextos: em início de palavra (Rosa), em posição intervocálica, na qual existem duas espécies diferentes de *R* que se opõem fonologicamente (caro:carro), como segundo elemento de um ataque complexo (pRato) ou em posição de coda silábica no meio da palavra (teRceira) ou em posição de coda silábica no final da palavra (fazeR). É em contexto de coda, porém, que a realização do rótico tende a apresentar maior variabilidade. Dos elementos que constituem a sílaba, a coda é o constituinte mais frágil e, por este motivo, a consoante que a preenche está mais sujeita a ação de processos como a ressilabificação e a supressão (MATEUS E RODRIGUES, 2003). Em geral, essa variação é condicionada por fatores sociais e linguísticos, e estudos como os mencionados acima têm por objetivo investigar sua sistematização e encontrar um padrão previsível para o uso do rótico nessa posição.

No português falado, as múltiplas realizações do *R* na posição específica de coda -- medial ou final -- vão desde uma vibrante alveolar, uma fricativa velar, uma fricativa laríngea surda (aspiração) até o zero fonético [Ø]. Essas múltiplas realizações podem ser interpretadas como vestígio de um processo de enfraquecimento articulatorio, que leva, em seu último estágio, ao cancelamento do segmento. Outro processo determinante para a variação na

produção do *R* é a posteriorização do ponto de articulação da consoante (CALLOU, LEITE E MORAES, 2002).

Como já mencionado, o enfraquecimento do rótico e a distribuição do apagamento estão diretamente relacionados a fatores linguísticos e sociais, principalmente ao fator linguístico, visto que a realização ocorre preferencialmente nos dialetos em que a consoante se realiza como vibrante áptico-alveolar (CALLOU *ET ALII*, 1996; MONARETTO, 1997, 2000, 2010).

1.2 Coda final x coda medial

A partir de trabalhos anteriores, evidenciou-se a diferença entre os altos índices de apagamento do rótico em final de vocábulo e os baixos valores de apagamento no interior de vocábulo, ou seja, o processo apresenta maiores índices em final de verbos no infinitivo – amaR, comeR e seguiR, por exemplo, do que em vocábulos nos quais o *R* se apresenta em posição de coda medial, como em noRte e soRvete. Por conta disso, formulou-se a hipótese deste processo não estar relacionado apenas ao fato do *R* se encontrar em posição de fronteira silábica e que o fenômeno, em realidade, teria relação com o tipo da fronteira prosódica em que o segmento está inserido (CALLOU & SERRA, 2012).

Em Callou & Serra (2012), postula-se que o domínio do cancelamento, em coda final, vai além da sílaba e que seu *locus* tem relação, na verdade, com o tipo de fronteira prosódica: quanto mais alta a fronteira maior a tendência à preservação¹, o que poderia explicar a diferença de índices de apagamento em fronteiras internas e externas à própria palavra.

Atualmente, em variedades como as do Nordeste e a do Rio de Janeiro, em que o apagamento do *R*, em coda final de verbos, já é praticamente categórico, e os índices de realização em coda final de não-verbos são muito baixos (FARIAS & CALLOU 2014; FARIAS & OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, SANTANA & SERRA, 2014), o tipo de fronteira prosódica já não se mostra um fator atuante e o cancelamento já começa a atingir, inclusive, a coda silábica interna à palavra, com índices crescentes, nessa posição medial.

¹ Em trabalhos anteriores foram observadas as fronteiras de três dos sete constituintes prosódicos postulados pela teoria da hierarquia prosódica – palavra prosódica (Pw), o sintagma fonológico (PhP) e o sintagma entoacional (IP) – e comprovou-se a hipótese de haver maior retenção do *R* na fronteira de IP. A última sílaba tônica do sintagma entoacional recebe o acento tonal, logo, nessa fronteira, se verificaria menor índice de cancelamento do *R*. Além disso, o contexto de pausa – diretamente relacionado à fronteira de IP – também inibiria o fenômeno do apagamento.

1.3 Estudos e resultados anteriores sobre o apagamento do rótico

Diversos trabalhos já foram realizados, a fim de traçar as características dos falares brasileiros, dentre os quais os que focalizam a diversidade de pronúncia dos róticos nos contextos em que o segmento pode ocorrer (Callou, 1987).

Callou, Leite & Moraes (1996), por exemplo, analisaram dados de fala espontânea coletados na década de 1970, restritos às cinco capitais contempladas pelo Projeto NURC (fala culta): Porto Alegre (POA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Recife (PE). Os autores aferiram, na ocasião, apenas 3% de queda do *R* em posição de coda silábica interna, na cidade do Rio de Janeiro, em contraste com o já alto índice de apagamento em posição externa na mesma cidade (47%). Ainda no que se refere à coda silábica final de vocábulo, o cancelamento do rótico esteve na ordem de 37%, em Porto Alegre – cidade que apresentou o percentual mais baixo do fenômeno; 49%, em São Paulo; 62 % em Salvador – cidade COM o maior índice de cancelamento, e 50%, em Recife. Os resultados relativos à fala do Rio de Janeiro são de particular interesse para o presente estudo, visto que servirão de ponto de comparação para o que será demonstrado, aqui, com base em dados de fala recentes.

Na década de 1990, o cenário já se encontrava diverso, como demonstram Callou & Serra (2012), em estudo sobre o apagamento do rótico, com base em dados também do Projeto NURC, oriundos das cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, e dispostos nas três faixas etárias em que se distribuem os falantes entrevistados: 1ª faixa etária: 25 a 35 anos; 2ª faixa etária: 36 a 55 anos, e 3ª faixa etária: a partir de 56 anos.

As autoras observam o crescente aumento de apagamento do rótico em coda silábica, relativamente à década de 70. Em SSA, na década de 90, o cancelamento do *R* já atinge, em verbos e não-verbos, o percentual de 99%, entre os jovens, indicando o final do processo de mudança fonológica no dialeto soteropolitano. No RJ, o apagamento também avança, apresentando, para verbos, os seguintes índices: 87%, 90% e 85%, para cada uma das respectivas faixas etárias, e 46%, 7% e 6%, para não-verbos, nas mesmas faixas de idade, o que demonstra que, para não-verbos, a idade do falante ainda é um fator fundamental para análise. Já em POA, o apagamento está restrito aos verbos, sendo sensível também à faixa etária do falante (91%, 62% e 80%, para as três faixas, respectivamente). Em não-verbos, o cancelamento é de apenas 1%.

Brandão, Mota & Cunha (2003), com base no *corpus* compartilhado do Projeto VARPORT, de fala culta e popular, chegaram ao percentual de 78% de cancelamento do *R*

em coda externa, no Português do Brasil, em contraste com 26% de apagamento, no Português Europeu.

1.4 Objetivos

Este trabalho se propõe a analisar o fenômeno de apagamento do *R* – em coda final e medial – em municípios do estado do Rio de Janeiro, na fala de indivíduos menos escolarizados, contribuindo assim para a sistematização do comportamento do rótico no Português Brasileiro. O objetivo principal deste estudo é realizar uma comparação do comportamento linguístico de falantes nascidos na capital do Rio de Janeiro – localidade já bastante descrita com base em corpora de fala culta (CALLOU, LEITE & MORAES, 1996; SERRA & CALLOU, 2013) – e o de indivíduos naturais de municípios do estado do Rio de Janeiro. Para realizar essa comparação, foram selecionados dois municípios da região serrana, Nova Friburgo e Petrópolis, um da região metropolitana, Niterói, e um do Norte Fluminense, Campos. Além disso, pretende-se verificar como o processo de apagamento do rótico atua em indivíduos com níveis mais baixos de escolaridade (alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do Ensino Fundamental), diferentemente do que já foi feito, nas décadas de 70 e 90, pelo Projeto NURC – que contempla somente entrevistas de indivíduos considerados cultos, ou seja, com nível superior completo.

Os demais objetivos específicos que se pretendem alcançar com este trabalho são: (i) acompanhar o avanço do processo de apagamento do *R* em coda final no Rio de Janeiro e verificar se os falares dos demais municípios seguem a tendência da capital com relação a esse fenômeno; (ii) mostrar que nos dialetos do Rio de Janeiro o apagamento do *R* não se restringe apenas à coda silábica final, já atingindo a medial e (iii) postular e testar variáveis linguísticas e sociais que poderiam influenciar na escolha pela realização/apagamento do rótico, de acordo com o método de análise da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 1994).

2. CORPUS E APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 Sociolinguística Quantitativa Laboviana

As mudanças linguísticas não ocorrem de maneira abrupta, mas sim por meio de um processo gradual, em que duas ou mais variantes concorrem em um determinado período de

tempo. A sociolinguística tem como principal objeto de estudo a variação; parte-se do pressuposto de que a variação não ocorre de forma aleatória e desordenada, pois, na verdade, os usos linguísticos são motivados e condicionados por fatores estruturais e sociais. Dessa forma, as alternâncias são sistemáticas e previsíveis. Em outras palavras, a variação é governada por um conjunto de regras, já que existem condições para que em determinado momento uma forma seja privilegiada em detrimento da outra.

“A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] desejamos uma teoria da mudança linguística que lide nada menos do que com a maneira como a estrutura linguística de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo, de tal modo que, em certo sentido, tanto a língua quanto a comunidade permanecem as mesmas, mas a língua adquire uma forma diferente” (Weinreich, Herzog & Labov, 2006. Tradução de Marcos Bagno, p. 36-37).

De início, os fenômenos analisados pelos variacionistas eram bem marcados socialmente – assim como ocorria com o processo de apagamento do *R*, que em seu início era considerado um marcador social – e ao lado dos aspectos sociais (faixa etária, sexo, classe social, nível de escolaridade) sempre se investigou a influência de variáveis de natureza linguística (morfológica, fonológica, etc).

A sociolinguística oferece modelos determinados para a análise da variação e da mudança linguística. Na análise e interpretação dos dados desta monografia foi utilizado o arcabouço teórico da sociolinguística quantitativa laboviana (LABOV, 1994), buscando identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuam no processo do apagamento variável do *R* nas diferentes comunidades linguísticas escolhidas.

De acordo com essa teoria de mudança, a análise dos dados nos permitirá sistematizar os usos do rótico em posição de coda nos cinco municípios do estado do Rio de Janeiro. Para esta pesquisa, são postuladas as seguintes variáveis linguísticas e sociais: i) classe morfológica do vocábulo (verbo e não-verbo); ii) dimensão do vocábulo (medida em número de sílabas); iii) contexto subsequente (pausa, vogal ou consoante); iv) consoante subsequente (cada uma delas); vi) gênero (masculino ou feminino); vii) faixa etária (1- de 18 a 30 anos e 2- de 50 a 65 anos) e viii) município de origem do falante (Campos, Niterói, Nova Friburgo, Petrópolis e Rio de Janeiro).

2.2 Corpus e Metodologia

O *corpus* do projeto ALiB é composto por uma vasta gama de questionários e por discursos semidirigidos, que correspondem a trechos de fala espontânea, provocada a partir de tópicos sugeridos pelo entrevistador. Para este trabalho, foram utilizados vinte trechos de fala espontânea retirados dos discursos semidirigidos e de outras partes da gravação em que houve conversa entre o entrevistado e o entrevistador. São quatro entrevistas com informantes nascidos no Rio de Janeiro (capital), quatro de Campos, quatro de Niterói, quatro de Nova Friburgo e quatro de Petrópolis – que constituem, então, amostras de fala popular, de indivíduos com baixo grau de escolaridade.

Os quatro informantes de cada município se caracterizam pelo seguinte perfil: mulher da faixa etária 1 (18-30 anos), homem da faixa etária 1, mulher da faixa etária 3 (50- 65 anos) e homem da faixa etária 3. Os dados são considerados atuais, já que as gravações de fala foram realizadas durante estes primeiros anos do século XXI.

A localização geográfica das cinco cidades, dentro do Estado do Rio de Janeiro, pode ser vislumbrada no mapa distrital abaixo.



Figura 1. Mapa dos municípios do Rio de Janeiro
(Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br>)

A recolha do *corpus* de fala espontânea se deu de acordo com as seguintes etapas: (i) seleção dos cinco municípios – Campos, Niterói, Nova Friburgo, Petrópolis e Rio de Janeiro – de acordo com a disponibilidade do *corpus* (ii) audição e transcrição de cada uma das 20 entrevistas; (iii) levantamento de todas as ocorrências do rótico em posição de coda final e medial e identificação de realização/apagamento; (v) codificação dos dados encontrados de acordo com as variáveis e análise estatística com o recurso ao pacote de programas GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) e (vi) sistematização e interpretação dos resultados obtidos.

Durante a análise variacionista, foram testadas as seguintes variáveis, já apontadas na literatura como relevantes no processo de cancelamento do rótico:

a) Classe morfológica – verbo / não-verbo.

Em trabalhos anteriores que se dedicaram a observar o processo de apagamento do *R* em coda silábica, encontramos a classe morfológica do vocábulo sendo apontada como principal fator que influencia nesse fenômeno. A sílaba final do verbo no infinitivo (ou no subjuntivo futuro) é marcada pelo acento e pela coda, logo, o rótico seria uma marca morfológica redundante e, assim, haveria maior tendência de queda do segmento. Em função disso, para esta análise, optou-se por separar os dados de verbos e não-verbos, com o objetivo de obter uma visão mais clara da distribuição do processo de cancelamento.

b) Dimensão do vocábulo – uma / duas / três / + de três sílabas.

Outro grupo de fator frequentemente apontado pela literatura como influente no processo de apagamento do *R* é a dimensão do vocábulo. A partir da hipótese da saliência fônica, busca-se verificar se, em vocábulos menores, nos quais o rótico apresenta maior saliência fônica, há maior probabilidade de preservação do segmento.

c) Contexto subsequente – pausa / consoante / vogal

Em relação ao contexto subsequente, formulou-se a hipótese de que diante de pausa ou de vogal, o cancelamento do *R* ocorre com menor frequência. Quando seguido de vogal, existe uma grande probabilidade do *R*, em coda final, sofrer ressilabificação, passando à posição de ataque da sílaba seguinte. Já a presença da pausa exerce influência no processo de apagamento (como um inibidor), pois possui relação direta com o tipo de fronteira prosódica em que o elemento está inserido. Essa relação se deve ao fato da pausa ser a principal pista,

tanto na produção quanto na percepção, da presença de um sintagma entoacional no Português do Brasil (SERRA, 2009). Como mencionado no apartado 1.2 Coda final X coda medial, trabalhos recentes apontam a fronteira de sintagma entoacional (IP) como um contexto de resistência ao processo de apagamento do rótico. Apesar de não ser testada durante esta análise a influência das fronteiras prosódica, visto que os índices de apagamento do estado do Rio de Janeiro já são muito elevados, poderemos prever sua importância a depender dos resultados em contexto de pausa.

d) Tipo de consoante subsequente - cada uma delas.

A presença de uma consoante de articulação aproximada à do rótico poderia favorecer o processo de cancelamento, principalmente no caso do *R* em posição de coda silábica medial.

f) Gênero – masculino/ feminino

g) Faixa etária – 1- de 18 a 30 anos e 2- de 50 a 65 anos.

Parte-se da hipótese de que os informantes mais jovens (faixa 1) apresentam um comportamento linguístico mais inovador, enquanto os mais velhos (faixa 3) tendem a ser mais conservadores, preservando com mais frequência o segmento.

h) Município de Origem – Campos/ Niterói/ Nova Friburgo/ Petrópolis/ Rio de Janeiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao total, foram coletados 4206 dados de *R* em coda final e medial: 365 em Campos, 428 em Niterói, 1792 em Nova Friburgo, 807 em Petrópolis e 814 no Rio de Janeiro. No gráfico 1, abaixo, apresentamos os percentuais gerais de cancelamento, nas cinco regiões estudadas, sem levar em consideração a distinção entre o gênero e a faixa etária do falante, mas levando em conta, para o contexto de coda silábica final, a classe morfológica dos vocábulos, se verbos ou não-verbos.

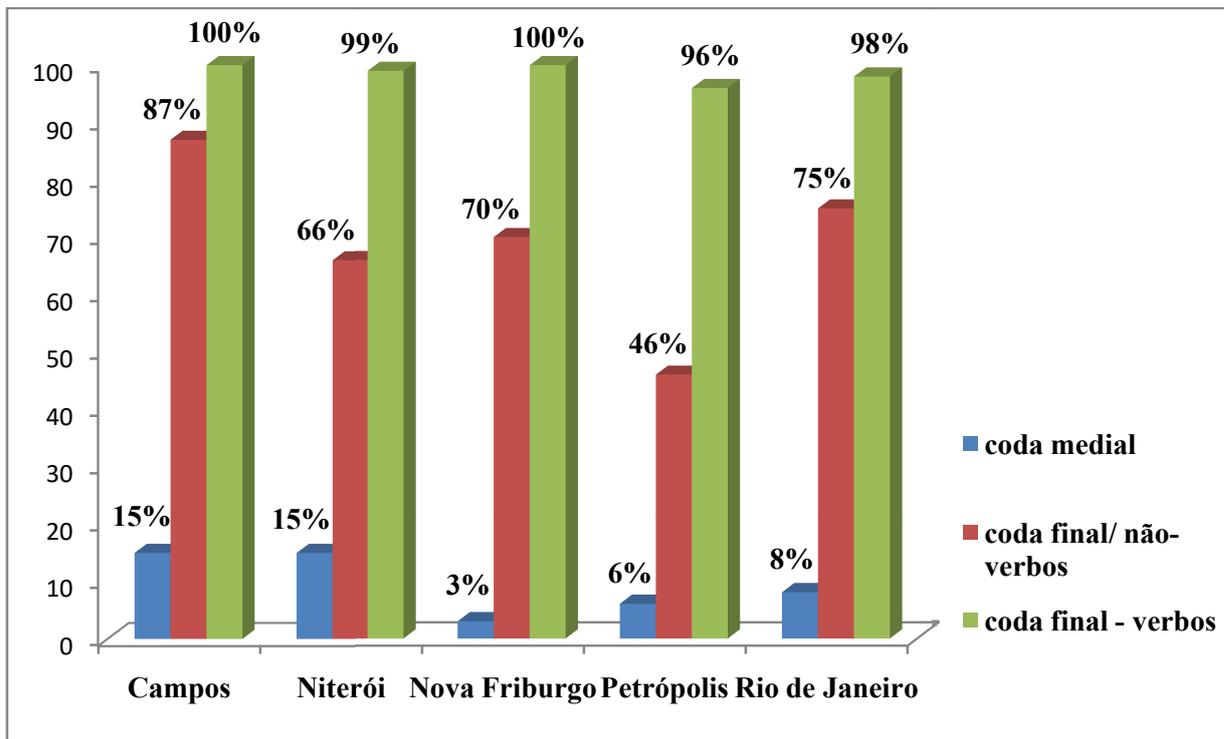


Figura 2. Distribuição geral de apagamento do *R* na fala popular de Campos, Niterói, Nova Friburgo, Petrópolis e Rio de Janeiro.

Analisando os resultados encontrados durante a pesquisa, verificou-se que o fenômeno de apagamento do *R* em coda tem atuado de forma bastante semelhante nos municípios de Campos, Niterói, Nova Friburgo e Petrópolis, todos seguindo a tendência do falar da capital. Se tomarmos como parâmetro a cidade do Rio de Janeiro – localidade já bastante estudada – constatamos que o cancelamento do rótico no estado cresceu significativamente ao longo das décadas, visto que trabalhos anteriores apontavam um percentual de apagamento do *R* na década de 70 de 3% em coda medial e 47% em coda final, na fala de informantes cultos (Callou, Leite & Moraes, 1996). Os resultados do presente trabalho, no qual foram utilizados dados dos primeiros anos do séc. XXI, o apagamento já atinge 98% em coda final de verbos, 75% em coda final de não-verbos e 8% em coda medial, na fala de informantes não-cultos.

O apagamento em coda silábica final continua avançando – sendo praticamente categórico nos verbos, enquanto os índices de apagamento em coda medial ainda são pouco expressivos. Isso indica a importância da verificação do tipo de fronteira prosódica em que se encontra o segmento, já que, na fronteira simples de sílaba (interna), o segmento é pouco atingido pelo processo, enquanto na fronteira de palavra (morfológica/prosódica), o cancelamento encontra seu *locus* ideal de atuação, sendo sensível ainda a outras informações prosódicas, como a

localização do acento. O acento de palavra recai na sílaba final dos verbos no infinitivo e no subjuntivo, mesma sílaba em que se encontra o *R* em coda (*querer*; *quiser*). Também em não-verbos, por conta do peso silábico acarretado pela rima ramificada, a sílaba que recebe o acento de palavra é a que contém a coda silábica, como em *melhor*, *cantor*, *devagar*. Ainda está por ser respondida a questão sobre o tipo de informação morfológica acessada em processos como este de cancelamento do rótico em final de palavra.

De toda forma, a restrição em relação à classe morfológica vem perdendo força, nas regiões do Rio de Janeiro. A distribuição em coda final, em não-verbos, demonstra uma maior retenção do *R* na fala dos indivíduos petropolitanos (46%), enquanto os campistas lideram o processo de cancelamento do rótico nesse contexto (83%), seguidos de perto pelos carioca (75%).

Serão discutidos separadamente os resultados relativos ao apagamento em coda silábica final para cada um dos municípios e, em seguida, serão apresentados em conjunto os resultados obtidos para o apagamento em coda medial, visto que cada contexto apresentou suas peculiaridades.

3.1 O *R* em coda silábica final no município de Petrópolis

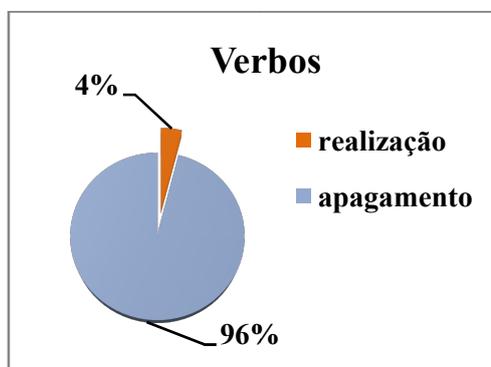


Figura 3. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, na fala popular de Petrópolis.

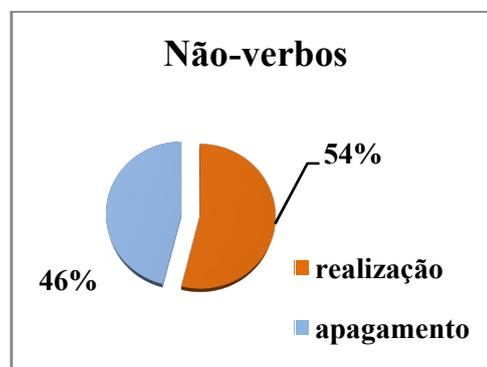


Figura 4. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, na fala popular de Petrópolis.

Das amostras de fala espontânea (Discursos Semidirigidos) do município de Petrópolis, foram coletadas 413 ocorrências de *R* em contexto de coda final, em verbos, e 63 ocorrências em coda final, de não-verbos. Petrópolis foi o município que apresentou o maior percentual de realização do segmento em não-verbos (54%); em verbos a retenção do segmento é de apenas 4%, índice baixíssimo, mas ainda superior aos 2% de realização da coda, na capital do Estado, e o percentual nulo do *R* em coda silábica entre os falantes de Nova Friburgo e Campos, em

verbos. É importante, portanto, mencionar os fatores que foram apontados como relevantes para o processo de apagamento em ambos os casos. Para os verbos, em coda silábica final, três variáveis se mostram significativas, nesta ordem: (i) faixa etária; (ii) dimensão do vocábulo e (iii) contexto subsequente.

A variável faixa etária foi apontada como a mais relevante para atuação do processo nesse contexto final. Como pode ser constatado na tabela a, abaixo, na fala dos informantes pertencentes à faixa etária 1 (18-30 anos), não foi registrada ocorrência de realização do segmento, ou seja, o apagamento em coda final de verbos foi categórico. O pequeno percentual de realização do rótico encontrado em Petrópolis se refere apenas à fala dos informantes mais velhos da faixa 2 (50-65 anos) (tabela a).

Faixa etária	oco/total	%	P.R.
1	241/241	100%	.79
2	156/172	91%	.13

Tabela a. Distribuição de apagamento do *R* por faixa etária, em posição de coda final de verbos, na fala popular dos indivíduos de Petrópolis (*Input*: .99).

Em relação à dimensão do vocábulo, vemos confirmada a hipótese, já postulada em trabalhos anteriores, de que quanto maior o número de sílabas maior a tendência à queda do segmento. O apagamento do *R* nos verbos de quatro sílabas ou mais foi categórico, havendo um maior índice de preservação do segmento justamente em formas verbais monossilábicas, como *ser*, *quer* e *ter* (89% em monossílabos, 99% em dissílabos e 95% em trissílabos). Isso ocorre devido à maior saliência fônica que o rótico apresenta em palavras de menor dimensão.

É importante mencionar a relevância do contexto subsequente para a aplicação deste processo, pois se evidenciou, a partir dos dados, que, diante de pausa ou de vogal, o cancelamento do *R* tende a ser menos favorecido (tabela b), apesar de também muito frequente.

Quando seguido de vogal, existe a possibilidade do *R*, em coda final, sofrer ressilabificação, passando à posição de ataque da sílaba seguinte (ex: vai ter aula hoje?). A presença da pausa se mostrou um fator que exerce influência no processo de apagamento, fato que possui relação direta com o tipo de fronteira prosódica em que o elemento está inserido. Essa relação se deve ao fato da pausa ser a principal pista, tanto na produção quanto na percepção, da presença de um sintagma entoacional no Português do Brasil (Serra, 2009).

A fronteira de sintagma entoacional é, portanto, um contexto de resistência ao apagamento do rótico, visto que o contexto de pausa silenciosa (ou preenchida) que marca essa fronteira prosódica desfavorece a aplicação do processo segmental. A pausa já havia sido apontada como contexto desfavorecedor do apagamento do rótico em Votre (1978), para a fala adulta, e Gomes (2006), para a fala de crianças, só mais recentemente sendo relacionada a um condicionamento que diz respeito ao domínio prosódico do sintagma entoacional (Serra & Callou, 2013; Farias & Oliveira, 2014).

Consoante subsequente	oco/total	P.R.	Peso relativo
Vogal	175/187	94%	.32
Pausa	47/50	94%	.33
Consoante	175/177	99%	.73

Tabela b. Distribuição de apagamento do *R*, de acordo com o contexto subsequente, na fala popular dos indivíduos de Petrópolis (*Input*: .99).

Em relação aos não-verbos, em coda final, duas variáveis se mostraram relevantes para o cancelamento do *R*: a dimensão do vocábulo e o contexto subsequente. Assim como ocorreu no caso dos verbos, nos vocábulos monossilábicos encontrou-se o menor índice de apagamento (18%), enquanto em palavras de cinco e seis sílabas o apagamento do *R* foi categórico (tabela c). A pausa, mais uma vez, atuou como fator determinante para o processo de apagamento, sendo o contexto que mais favorece a preservação do segmento (tabela d).

N. de sílabas	oco/total	%	P.R.
1 sílaba	2/11	14%	.21
2 sílabas	15/34	44%	.48
3 sílabas	8/10	80%	.84
4 sílabas	4/8	50%	.51

Tabela c. O apagamento do *R* em posição de coda final de não-verbos, na fala popular dos indivíduos de Petrópolis, de acordo com a dimensão do vocábulo (*Input*: .46).

Contexto subsequente	oco/total	%	P.R.
-----------------------------	------------------	----------	-------------

Pausa	6/21	29%	.31
Consoante	16/29	55%	.62
Vogal	8/14	57%	.55

Figura d. O apagamento do *R* em posição de coda final de não-verbos, na fala popular dos indivíduos de Petrópolis, de acordo com o contexto subsequente (*Input*: .46).

3.2 O *R* em coda final no Rio de Janeiro capital

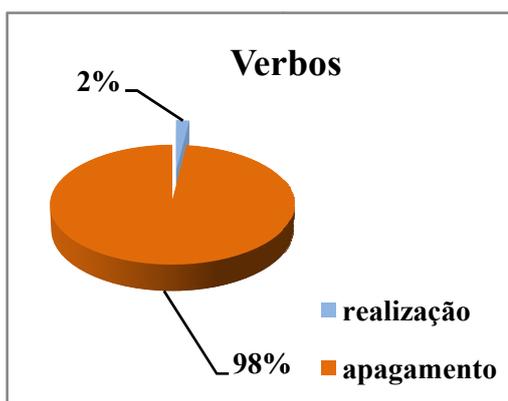


Figura 5. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, na fala popular do Rio de Janeiro.

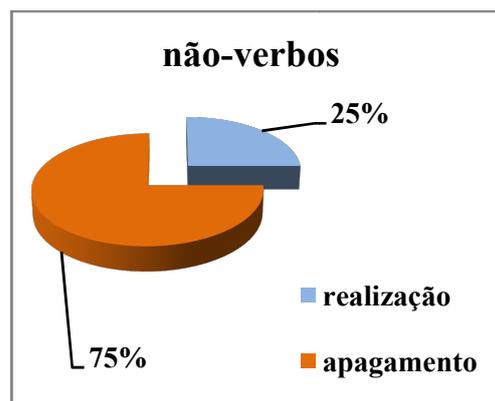


Figura 6. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, na fala popular do Rio de Janeiro.

Nos dados do Rio de Janeiro (capital), foram encontradas 442 ocorrências de *R* em posição de coda final, em verbos, e 77, em não-verbos. Como visto na figura 2, o índice de apagamento em coda final de verbos atingiu 98%; com isso, podemos dizer que a mudança neste contexto, neste município, está praticamente completa. Ainda que nenhuma variável tenha sido apontada como relevante para a aplicação do processo, devido aos altos índices de apagamento, com relação aos 2% de realizações encontradas, é importante mencionar o fato de essas ocorrências estarem restritas apenas ao contexto de pausa. O apagamento do *R* diante de uma consoante e de uma vogal ocorreu de forma categórica (tabela e).

Contexto	oco/total	%
----------	-----------	---

Pausa	77/88	89%
Vogal	158/158	100%
Consoante	196/196	100%

Tabela e. Distribuição do apagamento do *R* em coda final de verbos, de acordo com o contexto subsequente, na fala popular de indivíduos do Rio de Janeiro.

Por outro lado, em contexto de coda final de não-verbos, na capital do Rio de Janeiro, os índices de realização do rótico são mais elevados (25%). Neste caso, três variáveis foram apontadas como relevantes para a aplicação do processo: (i) dimensão do vocábulo; (ii) contexto subsequente e (iii) faixa etária. O cancelamento do *R* só se mostrou variável nos vocábulos de uma e duas sílabas, ocorrendo o apagamento de forma categórica nos de três sílabas ou mais. Esses resultados comprovam mais uma vez a hipótese da saliência fônica ~~na~~ SEGUNDO A qual há uma maior tendência de preservação do rótico em palavras com menos material fônico. Novamente nos monossílabos foi encontrado o índice de apagamento mais baixo (tabela f).

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	%	P.R.
1 sílaba	10/18	56%	.21
2 sílabas	31/42	74%	.63
3 sílabas ->	16/16	100%	-

Tabela f. Distribuição do apagamento do *R* em coda final de não-verbos, de acordo com o número de sílabas, na fala popular de indivíduos do Rio de Janeiro (INPUT?).

Em relação ao contexto subsequente, mais uma vez, diante de pausa são encontrados os menores índices de apagamento do *R*, enquanto diante de consoante aparecem os índices mais elevados (tabela g).

Contexto subsequente	Oco/Total	%	P.R.
Consoante	36/44	82%	.67
Vogal	10/14	71%	.33
Pausa	12/19	63%	.22

Tabela g. Distribuição do apagamento do *R* em coda final de não-verbos, de acordo com o contexto subsequente, na fala popular de indivíduos do Rio de Janeiro.

Por fim, a faixa etária aparece como última variável determinante para o processo de apagamento do *R* em coda final de não-verbos. Assim como ocorreu com a classe dos verbos em Petrópolis, na fala dos informantes da primeira faixa etária – (18-30 anos) – ocorreu um percentual de apagamento superior aos da segunda faixa (50-65 anos) (tabela h).

Faixa etária	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
1	28/32	88%	.76
2	30/45	67%	.30

Tabela h. Distribuição do apagamento do *R* em coda final de não-verbos, de acordo com a faixa etária, na fala popular de indivíduos do Rio de Janeiro.

3.3 O *R* em coda final no município de Nova Friburgo

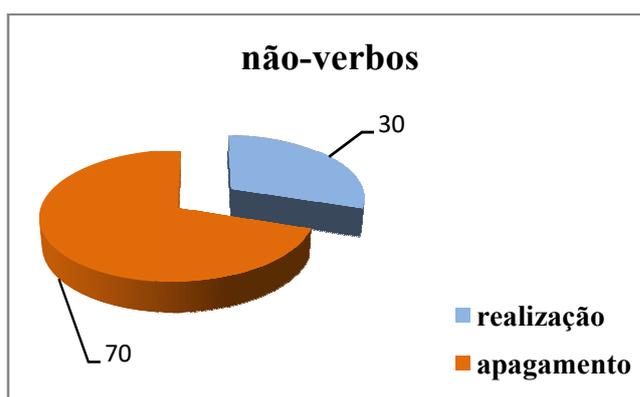


Figura 7. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, na fala popular de Nova Friburgo.

Os dados do *R* em coda silábica final, nos verbos, recolhidos em Nova Friburgo, apresentaram o maior índice de apagamento, juntamente com o município de Campos, se comparados aos demais municípios analisados neste trabalho. Foram 963 ocorrências de verbos e 100% de apagamento. Por conta disso, nenhuma das variáveis apontadas como relevantes para o cancelamento do *R* atua mais no falar da região, a mudança tendo já se completado. De acordo com a análise dos dados, nem mesmo o contexto de pausa ou as palavras monossilábicas representam contextos de preservação do segmento na fala dos friburguenses entrevistados.

Em relação ao apagamento em não-verbos, também em coda externa, foram recolhidas 172 ocorrências de *R* nos dados de Nova Friburgo, que apresentaram um comportamento semelhante aos das cidades do Rio de Janeiro e Niterói: as três com percentuais mais elevados de cancelamento do que Petrópolis (66%, Niterói; 70%, em Nova Friburgo; 75%, no Rio de Janeiro; e 47%, em Petrópolis) e inferiores aos de Campos (87%) . A distribuição do apagamento foi variável e apenas o fator dimensão do vocábulo se mostrou relevante na distribuição do processo, confirmando a hipótese de que em monossílabos existe uma tendência à preservação do *R* (tabela i).

N. de sílabas	oco/total	%	P.R.
1 sílaba	7/25	28%	.15
2 sílabas	82/107	77%	.56
3 sílabas	22/25	88%	.72
4 sílabas ou +	7/14	50%	.26

Tabela i. Distribuição do apagamento do *R*, de acordo com a dimensão do vocábulo, na fala popular dos indivíduos de Nova Friburgo (*Input*: .75).

3.4 O R em coda silábica final no município de Niterói



Figura 8. Distribuição de apagamento do R em coda final de verbos, na fala popular de Niterói.

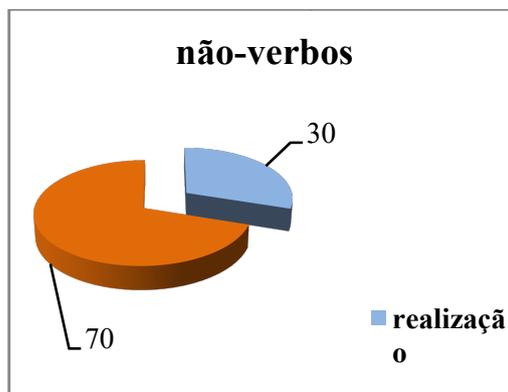


Figura 9. Distribuição de apagamento do R em coda final de não-verbos, na fala popular de Nova Friburgo.

Nas amostras de fala espontânea (Discursos Semidirigidos) de Niterói foram coletadas 266 ocorrências de R em posição de coda silábica final, sendo 219 em verbos e 47 em não-verbos. Nessa região, o fenômeno de cancelamento do rótico em contexto de coda final de verbos foi quase categórico, atingindo 99% dos casos. Apesar de nenhuma variável testada haver sido selecionada como relevante para a aplicação do processo, visto que o percentual de apagamento já é muito elevado, os raros casos em que o segmento foi realizado estão restritos à fala dos informantes da segunda faixa etária (50-65 anos) e aos contextos de pausa e vogal. O apagamento diante de consoante foi categórico, assim como no discurso dos indivíduos da primeira faixa etária (18-30 anos).

No caso dos não-verbos, em que o índice de realização ainda é de 34%, é importante mencionar as duas variáveis que se mostraram relevantes para a aplicação do processo de apagamento do R nessa região: (i) a dimensão do vocábulo e (ii) o contexto subsequente. Com relação à variável dimensão do vocábulo, o apagamento em palavras de 3 sílabas ou mais ocorreu de forma categórica, e o segmento foi realizado com mais frequência em monossílabos (tabela j). Sendo assim, vemos confirmada novamente a hipótese, já postulada em trabalhos anteriores, de que quanto maior o número de sílabas maior a tendência à queda do segmento.

N. de sílabas	oco/total	%	P.R.
1	1/5	20%	.14
2	20/32	62%	.57

Tabela j. Distribuição de apagamento do *R*, de acordo com a dimensão do vocábulo, na fala popular dos indivíduos de Niterói (*Input: .60*)

A segunda variável selecionada foi o contexto subsequente, a partir dos resultados, evidencia-se que, diante de pausa, o apagamento tende a ser menos favorecido (tabela k), apesar de também frequente.

Contexto subsequente	oco/total	%	P.R.
Pausa	6/13	46%	.29
Vogal	7/10	70%	.54
Consoante	18/24	75%	.59

Tabela k. Distribuição de apagamento do *R*, de acordo com o contexto subsequente, na fala popular dos indivíduos de Niterói (*Input: .60*).

3.5 O *R* em coda silábica final no município de Campos

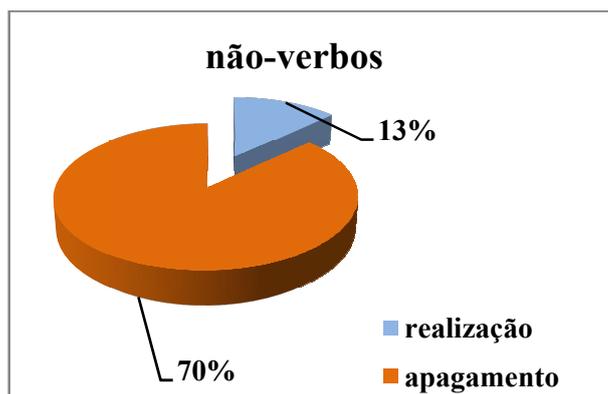


Figura 9. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, na fala popular de Nova Friburgo.

Como visto anteriormente na figura 1, o índice de apagamento em coda final de verbos no município de Campos atingiu 100% dos casos; com isso, podemos dizer que a mudança neste contexto, neste município, está completa. Por conta disso, nenhuma das variáveis testadas

para o cancelamento do *R* atua mais no falar da região. Assim como em Nova Friburgo nem mesmo o contexto de pausa ou as palavras monossilábicas representam contextos de preservação do segmento na fala dos informantes de Campos.

Já na categoria dos não-verbos, o cancelamento do *R* em posição de coda na cidade de Campos já atinge 87% dos vocábulos analisados – maior percentual encontrado para este contexto – e apenas uma variável independente foi apontada como influenciadora na aplicação do processo: dimensão do vocábulo. Apresentando um comportamento semelhante ao das demais cidades, ocorreu uma maior preservação do *R* em vocábulos com menor número de sílabas. O apagamento do rótico em palavras de três sílabas ou mais foi categórico, enquanto os dissílabos apresentaram um percentual de apagamento inferior (tabela 1).

N. de sílabas	oco/total	%
2 sílabas	17/21	81%
3 sílabas ou +	3/3	100%

Tabela 1. Distribuição do apagamento do *R*, de acordo com a dimensão do vocábulo, na fala popular dos indivíduos do Rio de Janeiro.

3.6 O *R* em coda medial

Ao analisar os resultados relativos à coda silábica medial, verificamos que o apagamento no Rio de Janeiro COMO UM TODO ainda é um processo em fase inicial. Os índices de apagamento dos cinco municípios foram muito baixos (figura 1) se comparados, por exemplo, com o apagamento em coda final, posição em que o processo já está bastante avançado em todo o Estado do Rio de Janeiro. Lembremos, entretanto, que os resultados de Callou, Leite & Moraes (1996), para a década de 1970, apontavam um percentual de apagamento do rótico em coda interna de 3%, na fala culta carioca, o que pode contrastar com os 8%, na fala popular, mais ou menos 30 anos depois.

Em trabalhos anteriores formulou-se a hipótese, para o processo de apagamento em coda medial, de que quanto mais ao Norte/Nordeste do país, maior a tendência de apagamento do *R*, em função das variantes do rótico serem preferencialmente as de traço [- anterior] e, na coda final, o zero fonético. Os resultados apresentados aqui vão ao encontro dessa hipótese, visto que, no Rio de Janeiro, foi encontrada uma frequência de apagamento menor do que em

estados do Nordeste como Salvador e Paraíba, que já na década de 1990 registravam 11% e 19% de apagamento, respectivamente, para os falantes cultos (Farias & Oliveira, 2013).

A única variável apontada como relevante para a distribuição do processo de apagamento do *R* em coda medial em todos os cinco municípios analisados foi o tipo de consoante subsequente. O apagamento ocorreu preferencialmente diante dos sons [k] em todos os municípios; [s], em Campos, Niterói, Petrópolis e Rio de Janeiro; [z], apenas em Nova Friburgo e [v] em Campos e no Rio de Janeiro (tabela m, n, o, p e q).

Consoante subsequente	oco/total	%	P.R.
V	6/21	29%	.61
K	16/23	70%	.93
S	1/9	10%	.43

Tabela m. Distribuição de apagamento do *R* em coda medial, de acordo com a consoante subsequente, no município de Campos (*Input*: .18).

Consoante subsequente	oco/total	%	P.R.
K	15/47	32%	.50
S	8/14	57%	.74

Tabela n. Distribuição de apagamento do *R* em coda medial, de acordo com a consoante subsequente, no município de Niterói (*Input*: .36).

Consoante subsequente	oco/total	%	P.R.
K	16/147	11%	.44
Z	6/10	60%	.97

Tabela o. Distribuição de apagamento do *R* em coda medial, de acordo com a consoante subsequente, no município de Nova Friburgo (*Input*: .05).

Consoante subsequente	oco/total	%	P.R.
K	17/73	23%	.62
V	1/20	5%	.21
S	3/20	13%	.42

Tabela p. Distribuição de apagamento do *R* em coda medial, de acordo com a consoante subsequente, no município de Petrópolis (*Input*: .13).

Consoante subsequente	oco/total	%	P.R.
K	14/41	34%	.87
V	1/14	7%	.32
S	6/27	22%	.79

Tabela q. Distribuição de apagamento do *R* em coda medial, de acordo com a consoante subsequente, no município de Rio de Janeiro (*Input*: .06).

Com relação aos sons apontados na tabela acima, é importante tecer algumas considerações:

1) O percentual de apagamento diante do fone [k] restringiu-se apenas ao vocábulo “porque”, item bastante recorrente no *corpus*. Em todos os demais vocábulos em que o *R* apareceu seguido de [k], o segmento foi realizado. Sendo assim, o apagamento nesse caso parece estar relacionado ao item lexical específico e não exatamente à influência do som [k]. É importante frisar que o processo de apagamento no vocábulo “porque” não foi categórico.

2) Assim como ocorreu no caso anterior, o apagamento diante do fone [v] restringiu-se apenas a um vocábulo: *serviço*. O apagamento novamente está relacionado a um item lexical específico e não a influência do som [v].

3) Em relação ao fone [s], como já apontado em trabalhos anteriores, a presença de uma fricativa alveolar favorece o cancelamento, em consequência de uma possível assimilação R+S S+S S, processo fonológico muito produtivo na história do português.

4) No caso do fone [z], também uma fricativa alveolar, o apagamento se deu uma vez no vocábulo “catorze” e os demais vocábulos são formas com sufixo *-(z)inho*. O *R* não foi pronunciado diante do sufixo *-(z)inho*, em exemplos como *mulherzinha*, *colherzinha*.

Além da variável tipo de consoante subsequente, outro fator foi apontado como relevante para o processo de apagamento do *R*, porém apenas nos municípios de Nova Friburgo e Campos: a faixa etária. Em ambos as variedades, os indivíduos da primeira faixa etária – 18-30 anos – optaram pela não realização do rótico com mais frequência do que os indivíduos da segunda – 50-65 anos (tabela r).

Municípios	Faixa 1			Faixa 2		
	oco/total	%	P.R.	oco/total	%	P.R.
Nova Friburgo	20/296	7%	.87	2/361	1%	.17
Campos	19/111	17%	.54	5/45	11%	.40

Tabela r. Distribuição de apagamento do *R* em coda medial, de acordo com a faixa etária, nos município de Nova Friburgo e Campos (*Inputs*: .05 e .18).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os dados de Campos, Niterói, Nova Friburgo, Petrópolis e Rio de Janeiro e discutir os resultados encontrados, fica claro que o fenômeno de apagamento do *R* nas demais cidades do estado do Rio tem seguido a tendência do falar da capital. É possível afirmar que estamos diante de uma mudança sonora em curso, nos falares do Rio de Janeiro, visto que 1) em posição de coda final de verbos o apagamento do *R* em Niterói, Petrópolis e Rio de Janeiro já é quase categórico, chegando aos 100% apenas em Nova Friburgo e Campos e 2) na categoria dos não-verbos, registram-se altos índices de cancelamento, ainda que seja uma frequência menor, se comparada à categoria dos verbos.

Dentre as variáveis propostas para a análise variacionista, duas devem ser consideradas como mais relevantes para o processo de apagamento do *R* em posição de coda final: a dimensão do vocábulo, o contexto subsequente. Em palavras monossilábicas ocorre uma maior tendência à preservação do segmento, principalmente nos não-verbos, visto que nos verbos os índices de apagamento já são bastante altos e o contexto subsequente de pausa foi apontado como um fator que favorece a manutenção do rótico, o que está relacionado diretamente à fronteira prosódica de sintagma entoacional.

A coda medial ainda é uma posição em que, ao menos no estado do Rio de Janeiro, os falantes tendem a preservar o rótico. De acordo com os resultados encontrados, os municípios que apresentam o maior percentual de apagamento do *R* são Campos (15%) e Niterói (15%); enquanto isso, Nova Friburgo aparece como o município em que os falantes mais realizam o segmento em coda medial. A atuação do processo se manifestou, na maior parte das vezes, em três diferentes contextos: i) nos vocábulos “porque” e “serviço” ii) diante da consoante fricativa alveolar [s] e iii) em vocábulos em que o *R* estava em contato com o sufixo –(z)inho.

A variável faixa etária trouxe ao estudo um resultado interessante: em todos os municípios, em posição de coda final e medial e nas duas categorias – verbos e não-verbos – os falantes da faixa etária 1 apagaram o rótico com mais frequência do que os da faixa 3, ainda que a diferença não seja muito grande. Esses achados confirmam o fato de o processo de apagamento do *R* ser um processo de mudança em progresso no Português do Brasil.

Com os resultados apresentados, pretende-se contribuir para os estudos na área da fonética e da fonologia, através de uma análise do comportamento linguístico de diferentes localidades no estado do Rio de Janeiro – contrastadas entre si e com a capital. Com isso, pretende-se expandir o mapeamento dos falares fluminenses, contemplando as variedades do interior, pouco estudadas em trabalhos anteriores, e apurar continuamente a variação que ocorre no Português do Brasil, determinando a influência de variáveis linguísticas e/ou sociais que a condicionam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. & CUNHA, C. 2003. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocábulo.” In BRANDÃO & MOTA (orgs.) Análise contrastiva de variedades do português. Rio de Janeiro, In-Fólio.
- CALLOU, D. 1987. Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. 1996. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In Gramática do Português Falado vol. VI, I. Koch, (ed.), p. 465-493. Campinas: UNICAMP.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. 2002. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A. (orgs.) Gramática do português fala VIII: novos estudos descritivos. Campinas, Unicamp/ Fapensp: p. 537- 555.
- CALLOU, D. & SERRA, C. 2012. Variação do rótico e estrutura prosódica. Revista do GELNE, vol. 14, no Especial, 41-58.
- FARIAS, A. & CALLOU, D. M. I. 2014. A distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas: três capitais em confronto. In: Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE, 2014, Natal. 25ª Joranda Nacional do GELNE.
- FARIAS, A. & OLIVEIRA, I.C. 2013. Os róticos no Nordeste do Brasil: o apagamento em coda final e medial.

_____. 2013. Trabalho apresentado no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (II CIFALE). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. 2014. O apagamento do rótico no português brasileiro e no português europeu: o lido e o dito. In *Anais do IV colóquio brasileiro de prosódia da fala*.

HORA, D. & MONARETTO, V. N. O. 2003. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D. & COLLISCHONN, G. (Org.). *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, p. 114-143

LABOV, W. 1994. *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge, Blackwell.

MATEUS, M. H. M. & RODRIGUES, C. 2003. A Vibrante em Coda em Português Europeu. In Hora, d. e Collischonn (org.)2003. *Teoria Linguística Fonologia e Outros Temas*, Ed. Universitária, João Pessoa, p.181-199.

MONARETTO, V. N. O. 1997. Análise sociolingüística da vibrante no sul do país. *Graphos - Revista da Pós Graduação em Letras/UFPB*.

MONARETTO, V. N. O. 2000. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n.março, p. 275-284.

MONARETTO, V. N. O. 2010. Descrição da vibrante no Português do Sul do Brasil. In: BISOL, L. & COLLISCHONN, G. (Org.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 119-127.

OLIVEIRA, I. C.; SANTANA, M. ; SERRA, C. 2014. Prosódia e apagamento do rótico em coda silábica: a região serrana do RIO de Janeiri. In: Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE, 2014, Natal. 25ª Joranda Nacional do GELNE.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, A. & SMITH, E. 2005. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto.

SERRA, C. 2009. Tese de Doutorado. *Realização e Percepção de Fronteiras Prosódicas no Português do Brasil: Fala Espontânea e Leitura* – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil.

SERRA, C. & CALLOU, D. 2013. “A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades”. *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL*, pp. 585-594.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. 1968. "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]